



## DIMENSÕES DO DESENVOLVIMENTO EM PELOTAS

**REICHOW, Josué<sup>1</sup>; COSER, André<sup>2</sup>; CHAGAS, Fernanda<sup>3</sup>;  
PEREIRA, Márcia<sup>4</sup>; SILVA, Fernando da<sup>5</sup>; LEAL, Carlos Márcio<sup>6</sup>;  
MORAES, Marcos<sup>7</sup>; ESLABÃO, Daniel<sup>8</sup>; VARGAS, Francisco<sup>9</sup>**

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Ciências Sociais – ISP/UFPe e Bolsista de Iniciação Científica da FAPERGS  
([josue.klumb@terra.com.br](mailto:josue.klumb@terra.com.br))

<sup>2-7</sup> Alunos do Curso de Ciências Sociais - ISP/UFPe ([ispdesenvolvimento@yahoogrupos.com.br](mailto:ispdesenvolvimento@yahoogrupos.com.br)).

<sup>8</sup> Aluno do Curso de Especialização em Sociologia e Política - ISP/UFPe  
([daniel\\_filosofo@hotmail.com](mailto:daniel_filosofo@hotmail.com))

<sup>9</sup> Professor Adjunto do Instituto de Sociologia e Política – UFPe ([fvargas@via-rs.net](mailto:fvargas@via-rs.net)).

### 1. INTRODUÇÃO

Através do presente artigo, pretende-se analisar e discutir a questão do desenvolvimento de Pelotas em período recente. Este tema tem sido recorrente tanto no debate acadêmico como no debate público. O problema do desenvolvimento, de sua ausência ou fragilidade, tem sido frequentemente apontado como uma questão central nas sociedades modernas e, particularmente, na sociedade brasileira. Deste modo, é possível identificar um discurso dominante segundo o qual a resolução de nossos principais problemas, envolvendo temas como pobreza, saúde, educação, desemprego e violência, supõem o desenvolvimento como condição ou meta central.

Em Pelotas, este debate tem sido particularmente intenso, seja porque a cidade viveu, no passado, ciclos de desenvolvimento importantes, fundamentando visões nostálgicas desses períodos, seja porque a intensa reestruturação econômica brasileira e mundial das últimas décadas afetou de maneira intensa a economia local e regional.

Neste trabalho, pretende-se analisar em que medida é pertinente falar de crise de desenvolvimento em Pelotas recentemente. Pelotas é um município que apresenta de fato um problema de subdesenvolvimento, de fraco desenvolvimento econômico e social? Quando se fala em desenvolvimento, o que se quer dizer precisamente? Qual é o significado desse termo tão em voga e tão rico de significados?

É procurando responder, pelo menos em parte, a essas questões que este artigo é proposto. Sem a pretensão de chegar a uma resposta definitiva sobre esse tema, procura-se indicar alguns caminhos que podem contribuir para estimular o debate. Neste sentido, a partir de uma breve discussão conceitual sobre a noção de desenvolvimento, procura-se, em seguida, analisar alguns indicadores que ajudem a melhor elucidar os dilemas e desafios implicados nessa discussão.

## 2. A HISTÓRIA DE UM CONCEITO

No Brasil e na América Latina, o debate sobre desenvolvimento tem uma longa e rica trajetória.<sup>1</sup> Até os anos setenta, este conceito esteve quase que exclusivamente ligado à idéia de crescimento econômico, tendo como base o projeto nacional desenvolvimentista que implementou amplo e profundo processo de modernização industrial e capitalista.

Nas chamadas “teorias da modernização”, este termo referia-se, sobretudo, a uma etapa superior do processo de expansão capitalista e industrial face aos resquícios de uma sociedade agrária e oligárquica em decomposição. Desse ponto de vista, o desenvolvimento era um ideal a ser alcançado e, para tanto, o crescimento econômico, através da industrialização, era visto como elemento central nesse processo. Essa é a tônica do discurso desenvolvimentista e, nesta perspectiva, “o atraso e a miséria seriam no futuro aniquilados pelo progresso.”<sup>2</sup> As “teorias da dependência” propuseram uma importante crítica a essa visão dualista e etapista do desenvolvimento, sem, contudo, superar um enfoque centrado no processo de avanço capitalista e industrial. As perspectivas mais radicais propunham a superação do capitalismo como a única alternativa viável capaz de ultrapassar o caráter desigual e excludente do desenvolvimento brasileiro e latino-americano.<sup>3</sup>

É a partir dos anos oitenta, com o esgotamento do projeto desenvolvimentista, que uma dimensão mais propriamente social e ambiental começa a ser colocada em discussão. O longo e intenso desenvolvimento capitalista e industrial ocorrido no Brasil no período anterior não tinha logrado incluir amplas camadas da população, a pobreza e a miséria manifestando-se como problemas centrais. Além do mais, a questão ambiental colocava-se, desde os anos setenta, como central na agenda política e econômica mundial. A preservação do meio ambiente e a sobrevivência do planeta recolocavam a problemática do desenvolvimento a partir do conceito de “sustentabilidade”. Neste caso, o desenvolvimento não poderia mais ser dissociado nem da possibilidade de preservar o planeta para as gerações futuras nem do objetivo de atingir o bem estar humano.

Mais recentemente, enfim, o processo acelerado de mundialização econômica coloca uma nova faceta neste debate: a questão da integração dos países periféricos em uma economia cada vez mais globalizada. Neste sentido, a questão do desenvolvimento passou a implicar novos desafios, supondo não só a idéia de um desenvolvimento humano e sustentável, mas também a possibilidade de produzi-lo e distribuí-lo globalmente. O desenvolvimento é, pois, assumido como um desafio global.

## 3. METODOLOGIA DE ANÁLISE: OS INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO

No diagnóstico da situação do município de Pelotas, propõe-se, neste trabalho, um procedimento metodológico de investigação destinado a analisar e comparar diferentes indicadores de desenvolvimento, quais sejam:

---

<sup>1</sup> Ver Mantega (1990), Cardoso & Faletto, (1970).

<sup>2</sup> Theodoro, 2004, p. 19.

<sup>3</sup> Santos, 1990.

a) o Produto Interno Bruto (PIB) e o Produto Interno Bruto per capita. Estes são indicadores tradicionais para analisar o fenômeno, expressando uma dimensão restrita de desenvolvimento como crescimento econômico.

b) o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Este indicador foi desenvolvido com o intuito de levar em consideração não somente os aspectos econômicos, mas os aspectos “humanos” do desenvolvimento. Trata-se, pois, de um indicador sintético que varia entre zero (nenhum desenvolvimento) e um (máximo desenvolvimento), levando em consideração três dimensões fundamentais: a renda, que é expressa pelo PIB *per capita*; a longevidade, que utiliza indicadores de expectativa de vida ao nascer; e a educação, que é avaliada através do índice de analfabetismo e da taxa de matrícula em todos os níveis de ensino.

c) Outros indicadores. Para efeito de análise, utilizam-se, ainda, como apoio, outros indicadores econômicos e sociais que ofereçam parâmetros críticos para avaliar a pertinência dos indicadores acima propostos e analisados. Dentre esses indicadores destacam-se o Coeficiente de Gini e o índice de pobreza. O Coeficiente de Gini é uma das medidas mais utilizadas para mensurar a distribuição de renda. Este coeficiente é um valor determinado em uma escala entre zero (plena igualdade na distribuição de renda) e um (desigualdade absoluta).

Enfim, vale salientar que na análise do comportamento destes indicadores de Pelotas, tomou-se como parâmetro de comparação os indicadores correspondentes do Brasil, do Estado do Rio Grande do Sul e também de algumas cidades gaúchas de porte similar ao de Pelotas. Assim, analisa-se em que medida a evolução dos indicadores de Pelotas acompanham os indicadores comparados.

#### **4. O DESENVOLVIMENTO EM PELOTAS ATRAVÉS DE SEUS INDICADORES**

Iniciando-se a análise pelos indicadores de crescimento econômico, constata-se que o crescimento do PIB de Pelotas, no período de 2000 a 2006, é de 70%, isto é, inferior àquele observado no país, no Estado e nas cidades de Santa Maria, Rio Grande e Caxias do Sul. No referido período, o PIB brasileiro cresceu 100% e o estadual 84%. Nas cidades acima citadas, esse crescimento foi de, respectivamente, 118, 85 e 86%.

Analisando-se a participação do PIB de Pelotas no Estado, em 2006, observa-se, mais uma vez, que ela é inferior às demais cidades, excetuando-se Santa Maria. Enquanto Pelotas representa apenas 1,82% do PIB gaúcho, Caxias do Sul tem participação de 5,49% e Rio Grande de 2,21%. A participação de Santa Maria é de 1,69% do PIB do Estado. Analisando-se a evolução dessa participação no período de 2000 e 2006, constata-se, mais uma vez, um desempenho negativo. Enquanto Pelotas decresceu sua participação em 0,15%, as demais cidades aumentaram essa mesma participação. A participação do PIB de Caxias do Sul cresceu 0,08%, de Rio Grande 0,01% e de Santa Maria 0,27%.

Além disso, o PIB per capita do município de Pelotas mostra-se bastante inferior àquele do Estado do RS e do Brasil. Enquanto Pelotas contava com um PIB per capita de R\$ 8.242,00, em 2006, esse mesmo indicador do Brasil e do Estado eram de R\$ 12.688,00 e R\$ 14.310,00, respectivamente. Entre 2000 e 2006, enquanto o PIB per capita do Brasil cresceu 74% e o do RS 72%, o PIB per capita de Pelotas cresceu apenas 60%.

Os indicadores acima analisados mostram, portanto, que apesar de a economia de Pelotas ter crescido no período recente, esse crescimento ficou bem abaixo da

média estadual e nacional, o que indica uma certa defasagem do município em termos de desenvolvimento econômico.

Analisando-se os indicadores de desenvolvimento humano, através do IDH e seus sub-indicadores, o quadro altera-se significativamente.

Em 2000, o índice de desenvolvimento humano de Pelotas atinge o patamar de 0,816, o que a coloca entre os municípios com um alto desenvolvimento humano<sup>4</sup>. A comparação com mais de cinco mil municípios brasileiros coloca Pelotas entre os 5% de maior desenvolvimento humano, ocupando a 276ª posição. No Estado do RS, Pelotas encontra-se no grupo dos 20% dos municípios com o indicador mais elevado, ocupando a 90ª posição no Estado. Observa-se, ainda, que o IDH de Pelotas, em 2000, está acima da média do IDH do Estado do RS, cujo índice é de 0,814, e do Brasil, cujo índice é de 0,766.

Portanto, diferentemente dos indicadores econômicos, os indicadores de desenvolvimento humano do município mostram, aparentemente, um melhor desempenho. Vale ressaltar que o IDH de Pelotas cresceu 6,25% entre 1991 até 2000, passando de 0,767 para 0,816. O sub-indicador que mais contribuiu para esse crescimento foi o referente à Educação (38%), seguido da Renda (33,1%) e, depois, da Saúde (28,9%).

Enfim, apesar dessa posição elevada no IDH, o índice de pobreza de Pelotas, em 2000, atingia a marca de 21,7%. Considerando-se, ainda, que o índice de Gini em Pelotas, nesse mesmo ano, era de 0,60, constata-se que o alto índice de desenvolvimento humano contrasta-se com elevados índices de pobreza e de concentração de renda. Estes últimos indicadores colocam, pois, em xeque a constatação de que há um elevado índice de desenvolvimento humano em Pelotas.

## **5. CONCLUSÕES**

Os dados acima analisados nos permitem concluir que Pelotas tem, de fato, apresentado níveis de crescimento econômico abaixo da média estadual e nacional e também de algumas cidades gaúchas de médio porte, conforme se observou através da análise da evolução do PIB e do PIB per capita. Considerando-se, no entanto, que este indicador é insuficiente para avaliar a questão do desenvolvimento, constata-se, também, através da análise do IDH, que o desenvolvimento humano de Pelotas mostra-se bastante expressivo, enquadrando-se em um patamar de alto desenvolvimento. Se, em princípio, essa constatação seria um alento no diagnóstico da situação sócio-econômica do município, a evidência de outros indicadores como o índice de Gini e o índice de pobreza revelam que esse conceito de desenvolvimento humano, tal qual se encontra operacionalizado no IDH, é bastante problemático. O IDH elevado e a participação expressiva do sub-indicador educação, por exemplo, na caracterização do desenvolvimento humano de Pelotas contrasta-se com os elevados níveis de pobreza e desigualdade social. Neste sentido, constata-se a necessidade de aprofundar a noção teórica de desenvolvimento humano e aprimorar os métodos de observação empírica destinados a medi-lo.

## **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

<sup>4</sup> Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o desenvolvimento humano pode ser classificado em baixo (até 0,499), médio (de 0,500 a 0,799) e alto (a partir de 0,800 até 1).

CARDOSO, F.H. & Faletto, E. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MANTEGA, Guido. *A Economia Política Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1990.

SANTOS, Theotônio dos. *Democracia e Socialismo no Capitalismo Dependente*. Petrópolis: Vozes, 1991.

THEODORO, Mário. A questão do desenvolvimento: uma releitura. In: Ramalho, J.P. & Arrochellas, M.H.Org.) *Desenvolvimento, subsistência e trabalho informal no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2004.